

ntro o Recurso

RUA BRAGA

UMA IDÉIA

UM assanhado cavalheiro de negócios imobiliários surgiu com essa idéia brilhante: vender lotes de Brasília na Europa. Andou por lá, disse que há muita curiosidade em torno da construção da nova capital, muita gente sonhando com os olhos nos edifícios de Oscar Niemeyer e nas ruas de Lúcio Costa. Seria fácil fazer milhões de dólares, que ajudariam a financiar a nova capital.

Pode, na verdade, se tratar de um bom negócio; mas confesso que se eu fôsse funcionário do Brasil no exterior ficaria um tanto encabulado em prestigiar o corretor de terrenos da futura capital de meu país. Os terrenos de uma cidade existem para que nêles se construam prédios em que as pessoas possam morar ou trabalhar. Vendê-los a gringos que não pretendem morar nem trabalhãr ali — só especular com a valorização — me doeria n'alma. Eu estaria ajudando a promover o encarecimento da vida em Brasília, pelo menos no item habitação.

Outro dia, numa roda, discutia-se a viabilidade de Brasília a curto prazo, e um amigo citou como prova de que o otimismo oficial não é apenas de fachada, é sincero: o presidente do Banco do Brasil comprou pessoalmente uma porção de lotes. Não sei se é verdade, não conheço esse sr. Sebastião; dêle me dizem apenas que é um homem muito rico e muito zeloso de seu ouro. Mas não haveria um meio prático de evitar a especulação imobiliária em Brasília?

Uma sugestão que eu gostaria de fazer ao Ministério do Exterior é de encarregar alguém de facilitar a compra de lotes em Brasília aos diplomatas brasileiros em serviço no exterior. Trata-se de homens geralmente bem pagos (quando estão fora do país) e que sabem que mais dia menos dia deverão morar em Brasília. Acho que fregueses assim é que interessam: gente que pretende construir e morar na capital nova.

Quanto a estrangeiros que vivem no estrangeiro, penso que até devia ser proibida a venda de lotes. Seria especulação pura, pois se algum estrangeiro pretende emigrar para o Brasil não será para Brasília — pela mesma boa razão pela qual milhões emigram para os Estados Unidos, mas ninguém para Washington. Financeiramente a idéia pode ser muito boa, mas socialmente ela me parece pouco feliz e até feia.